

A integração entre romanos e bárbaros no Império Romano tardio

*The integration between Romans and barbarians
in the late Roman Empire*

FRIGHETTO, Renan. *Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações. Séculos II-VIII*. Curitiba: Juruá Editora, 2012, 226 p.

Semíramis Corsi Silva*

Recebido em: 02/05/2013
Aprovado em: 12/06/2013

Desde a primeira metade do século XX o conceito de Antiguidade Tardia, *Spatäntike*, tem sido utilizado por alguns estudiosos para definir o período intermediário entre o Império Romano e a chamada Idade Média. Este conceito aparece pela primeira vez nos trabalhos do arqueólogo alemão Alois Riegl, em 1901, se difundindo posteriormente em trabalhos de filólogos, historiadores e arqueólogos. A partir da década de 1970 os debates em torno do conceito se intensificaram nos meios acadêmicos. Há, no entanto, perspectivas diferentes sobre o período, que dizem respeito à temporalidade que o mesmo abarca, as diferenças que devem ser pensadas nas análises das partes ocidentais e orientais do Império Romano e a ponderação sobre as permanências e rupturas entre o mundo clássico e o mundo medieval nesse momento. No entanto, uma ideia geral orienta estes trabalhos, a de que a Antiguidade Tardia é um contexto de transformações e que esta nomenclatura explicaria melhor sua complexidade do que o conceito de Baixo Império, pois os documentos nos mostram um período com características identitárias hibridizadas e a existência de diálogos entre elementos sociopolíticos e culturais novos com elementos do passado greco-romano.

* Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de Franca. Membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano. Bolsista Capes. Foi Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, na Universidad de Salamanca, Espanha.

Dentre os estudos voltados para a compreensão do complexo contexto da Antiguidade Tardia no Brasil, estão as pesquisas de Renan Frighetto, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que nos mostra tais reflexões em seu livro mais recente: *Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações. Séculos II-VIII*. Com um amplo currículo na área, incluindo o doutoramento na Universidad de Salamanca, Espanha, e diversos trabalhos especialmente ligados à Península Ibérica no contexto em questão, neste livro Frighetto se propõe a analisar as transformações ocorridas no Império Romano dos séculos II ao VIII d.C., levando ao surgimento das monarquias romano-bárbaras. O enfoque principal do livro são os aspectos políticos e institucionais que envolveram tais transformações. A documentação analisada pelo autor consta de diversos textos, como as obras de Dião Cássio, Herodiano, Lactâncio, Eutrópio, Hieronimo, Prisco, Isidoro de Sevilha, Hidácio de Chaves, entre outros.

O livro é dividido em quatro capítulos, somados à Apresentação, Prefácio, Introdução, Conclusões Parciais, Referências, Anexos (Tábua Cronológica e Extratos de Fontes), Índice Onomástico, Glossário e Índice Alfabético.

No Prefácio, Frighetto nos mostra uma interessante reflexão sobre o ofício do historiador e a importância em estudarmos História Antiga no Brasil, aproximando-se, de certa maneira, de seu leitor pelo tom pessoal que dá ao texto.

Na Introdução, com o título *A definição de Antiguidade Tardia: espaço e tempo*, o autor nos apresenta a importância didática de estabelecermos divisões cronológicas para o antigo mundo greco-romano, alertando-nos para a convivência de diferentes realidades políticas em uma mesma época que uma proposta cronológica pode englobar, já mostrando ao leitor a problemática espaço-temporal da concepção de Antiguidade Tardia. Feito isso, o conceito de Antiguidade Tardia é discutido em termos historiográficos. São apresentadas as propostas de classicistas como Arnaldo Momigliano, Henri-Irinée Marrou, Peter Brown, Jean-Michel Carrié, H. Liebeschuetz, Bryan Ward-Perkins e do projeto de investigação europeu *The transformation of the Roman World*, que reuniu historiadores de variadas linhas historiográficas. Esta parte do livro nos parece extremamente interessante para os estudantes de História, sejam especialistas na Antiguidade ou não, pois o autor expõe e contrasta opiniões diferentes sobre a Antiguidade Tardia, mostrando desde o aparecimento do termo até o estado das pesquisas na atualidade. Este debate historiográfico é muito importante, não só

para compreendermos o desenvolvimento do conceito de Antiguidade Tardia e aspectos centrais do contexto, mas também, pela forma clara como o conteúdo é exposto, para auxiliar na elaboração de aulas e na montagem de cursos.

Diante do debate que nos apresenta, Frighetto se posiciona considerando que para os territórios ocidentais do Império, objeto de sua pesquisa, parece-lhe inquestionável a existência de certas rupturas em relação ao mundo imperial romano, começando com o desaparecimento, no século V, da própria autoridade imperial. No entanto, esta ruptura não deve ser vista como uma decadência, tendo em vista que as monarquias romano-bárbaras herdaram e preservaram estruturas, cargos e funções administrativas do “extinto” Império Romano Ocidental. Da mesma maneira como Frighetto se posiciona em relação às ideias de rupturas e permanências que o conceito de Antiguidade Tardia abarca, ele mostra o arco cronológico que considera mais adequado para a utilização deste conceito: entre os séculos II d. C. e VIII d. C. O autor localiza as origens da fragmentação da autoridade unitária no século II com a divisão do poder na Diarquia de Marco Aurélio. Sendo assim, para Frighetto, o século II é importante para se compreender a Antiguidade Tardia, pois quando Marco Aurélio escolhe seu filho Cômodo como seu sucessor, a tradicional adoção imperial, característica do Principado, começa a perder espaço para a sucessão hereditária, característica da Antiguidade Tardia. Portanto, a análise da formação das monarquias romano-bárbaras na Antiguidade Tardia, objeto central do livro, é feita como um processo de longa duração.

Ainda na Introdução, Frighetto observa mudanças relativas ao conceito de *Império (Imperium)*, que ocorrem a partir da Dinastia dos Severos (193-235), com a introdução de conceitos neoplatônicos na concepção de uma unidade política baseada na autoridade do imperador ligada aos poderes divinos. No entanto, esta mesma concepção filosófico-religiosa pagã é seguida por pensadores cristãos, apoiando o poder imperial ligado à figura de Cristo. Essa concepção de poder imperial militar e sagrado configura, conforme o autor, um aspecto da Antiguidade Tardia que a difere do período do Principado. O conceito de *reino* também é revisado e o autor nos mostra como, de um conteúdo negativo na República e no Principado, esse conceito passa a ter uma imagem positiva quando visto sob a elaboração da ideologia cristã. Na Introdução, Frighetto ainda desenvolve as transformações operadas nos conceitos de

cidadão/cristão. A análise destes conceitos nos mostra que é completamente impossível separar política e religião nesse momento.

No primeiro capítulo, intitulado *Os antecedentes: o Principado e os primeiros sinais de crise político-institucional no mundo romano*, o autor analisa aspectos da situação do Império Romano no século II d. C. a fim de mostrar como, desde esse período, podemos perceber sinais das transformações no mundo romano, tais como as atitudes práticas e as construções ideológicas que aproximavam o poder exercido pelo imperador de um caráter sagrado, e que se afastavam das concepções políticas republicanas, especialmente a partir do reinado de Adriano (117-138), quando emergia uma tendente regionalização do recrutamento militar, com o início da inclusão de membros de origem bárbara no exército e a necessidade da partilha do poder imperial. Os problemas nas fronteiras, neste contexto, levam o autor a nos mostrar que devemos desconfiar da ideia passada por poetas romanos da época de que este período foi uma "época de ouro".

No segundo capítulo, *A crise do sistema polis/civitates, a regionalização e a fragmentação do poder político imperial no século III*, o autor parte para a análise das transformações nas estruturas do poder político no Império Romano no século III d. C., mas atento em não se pautar na ideia extremamente negativa que o conceito de *crise* pode ter. Nesse sentido, Frighetto desenvolve reflexões sobre a redução do processo de expansão e a diminuição do papel das cidades como centros de decisões políticas a partir deste momento. Os ricos proprietários de terras, ocupantes de cargos políticos, passam aos poucos a se concentrar nas suas *villae*, localizadas no mundo rural, enquanto nas cidades novos grupos começam a adentrar as cúrias municipais, como é o caso dos cristãos. Ainda neste capítulo é feita uma análise do governo dos Severos (193-235) e do período chamado de "Anarquia Militar" (235-284) e como no período da "Anarquia" um aspecto inovador do poder, iniciado com os Severos e com grande impacto futuro, vem à tona, que seria o incremento na personalização e divinização da figura do príncipe. Neste capítulo, da mesma forma que no primeiro, o autor desenvolve uma análise sobre cada imperador do momento e as principais características de seu governo, desde imperadores conhecidos, como Septímio Severo, a outros menos estudados, como Gordiano III.

A Renouatio Imperii: Diarquia, Tetrarquia e a nova configuração do Império Romano tardio é o título do terceiro capítulo, quando o autor reflete sobre as

reformulações em torno da figura imperial e da organização do poder imperial iniciadas com Diocleciano. Reformulações que, no entanto, foram realizadas sob a noção de *renovação*. Segundo Frighetto, a noção ideológica de renovação mantinha elementos da tradição imperial, reconhecida e consolidada, mesclados com elementos novos que alteraram a figura do imperador e outros aspectos da vida política, social, econômica e cultural do Império em relação à sua origem. Estes aspectos da renovação, tratados pelo historiador, o levam à denominação de *Império Romano tardio*, configuração institucional imersa no contexto da Antiguidade Tardia.

Já no quarto capítulo, *Da barbárie à civilização: os bárbaros e a sua integração no mundo imperial romano (séculos IV-VIII)*, Frighetto verifica a integração, através de acordos e contatos, entre bárbaros e romanos desde o Principado, integração esta que caracterizou a sociedade da Antiguidade Tardia. O autor confere como, de forma paulatina, entre os séculos IV e V ocorreu uma substituição da autoridade imperial romana por reinos nos territórios ocidentais, através de alianças entre grupos bárbaros com autoridades regionais autóctones e romanas e uma transferência do poder do imperador para os monarcas. Frighetto destaca o papel do regionalismo na formação destas alianças e analisa a passagem dos povos bárbaros e a formação de reinos, como: visigodos e suevos na Hispânia, saxões na Britânia, hérulos, ostrogodos e lombardos na Itália, francos na Gália e aspectos da primazia dos francos a partir dos séculos VII e VIII. O processo que leva ao "fim" da Antiguidade Tardia é marcado, na conclusão deste capítulo, com a coroação do franco Carlos Magno como imperador, em Roma, em 800. Teve início, então, a Alta Idade Média.

Nas conclusões parciais, *A Antiguidade Tardia como uma nova antiguidade sob o ponto de vista político e institucional*, o autor destaca as mudanças institucionais na figura do imperador romano a partir do século II e suas influências tanto na forma de governar, como na imagem dos reis das monarquias romano-bárbaras. Destaque também é dado ao cristianismo católico ortodoxo como elemento aglutinador da sociedade política dos reinos a partir do século VI.

Para facilitar a percepção do conteúdo mostrado, o livro conta com ótimos mapas, tabelas, tábua cronológica e uma parte com extratos de fontes. A organização do livro é muito bem feita, o que facilita a compreensão do leitor sobre o momento histórico tratado.

Este livro torna-se um importante material a ser utilizado por estudantes de história, historiadores e professores de história, a fim de propiciar um novo olhar sobre este período carregado de análises imprecisas e negativas, caracterizadas, entre outros, por conceitos impregnados de juízos de valor, tais como *barbárie* e *decadência*. Mesmo utilizando alguns conceitos cuja validade é discutida atualmente pela historiografia, tais como *crise* e *anarquia militar*, o historiador os problematiza e explica como trabalha a partir de suas interpretações documentais, o que muito colabora para o necessário trabalho de crítica e revisão conceitual. Desta forma, o livro de Frighetto enriquece o ensino e as pesquisas sobre a Antiguidade Tardia no Brasil, período cujos estudos têm crescido de maneira considerável nos últimos anos em nosso país, e serve como uma forma interessante para adentrarmos nos meandros da organização do poder imperial romano e sua transformação institucional nas monarquias romano-bárbaras.